

Van Gogh, o pintor que amava as letras



Por **SAMUEL KILSZTAJN***

Van Gogh costumava descrever literalmente seus quadros em detalhes, abusando de adjetivar as cores, tanto antes de pintá-los como depois de prontos

Em carta a Émile Bernard, encaminhada de Arles a 19 de abril de 1888, Vincent van Gogh escreveu “Há muitas pessoas, sobretudo entre nossos companheiros [pintores], que imaginam que as palavras não valem nada. Ao contrário, não é? É tão interessante e tão difícil dizer bem uma coisa como pintá-la. Existe a arte das linhas e das cores, mas a arte das palavras também existe e permanecerá.”

Vincent, este homem de paixões que, de acordo com as suas próprias palavras, era capaz e dado a fazer coisas mais ou menos insensatas, havia recebido alguns sonetos de Bernard. Depois de várias observações, com a sua natural, habitual e característica franqueza, acrescentou, “Mas, em suma, ainda não estão tão bons quanto a sua pintura. Não importa. Isso virá e você certamente deve continuar com os sonetos.”

Van Gogh costumava descrever literalmente seus quadros em detalhes, abusando de adjetivar as cores, tanto antes de pintá-los como depois de prontos. Em carta de Arles a seu irmão Theo de 16 de outubro de 1888, escreveu:

“Meus olhos ainda estão cansados, mas finalmente tive uma nova ideia na cabeça e aqui está o esboço. Sempre tela de 30 [72 por 90 cm]. Desta vez é simplesmente o meu quarto, somente a cor deve aqui fazer a coisa e, ao dar, através de sua simplificação, um grandioso estilo às coisas, deve ser sugestiva *de repouso* ou *de sono* em geral. Enfim, a visão do quadro deve *descansar* a cabeça, ou melhor, a imaginação. As paredes são de um violeta pálido. O chão – é de ladrilhos vermelhos. A madeira da cama e das cadeiras são de um amarelo manteiga fresca. O lençol e os travesseiros verde limão bem claro. O cobertor vermelho escarlate. A janela verde. O toucador laranja, a bacia d’água azul. As portas lilás. E isso é tudo – nada nesta sala de venezianas fechadas. A estrutura da mobília deve agora ainda expressar um descanso inabalável. Retratos na parede e um espelho e uma toalha de mão e algumas roupas. A moldura – como não há branco na pintura – será branca. Isso para me vingar do descanso forçado a que fui obrigado. Ainda vou trabalhar nisso o dia todo amanhã, mas você vê como o projeto é simples. As sombras e sombras projetadas são suprimidas, é colorido em tons planos e simples como os crepons. Isto irá contrastar com, por exemplo, a diligência de Tarascon e o café noturno. Não vou escrever para você por muito mais tempo [sic], porque amanhã vou começar bem cedo, com a luz fresca da manhã, para terminar a minha tela.”

No dia seguinte, 17 de outubro de 1888, depois de pintar o quadro, Vincent escreveu a Paul Gauguin:

“... fiz ainda para minha decoração uma tela de 30 do meu quarto com os móveis de madeira branca que você conhece...”

a terra é redonda

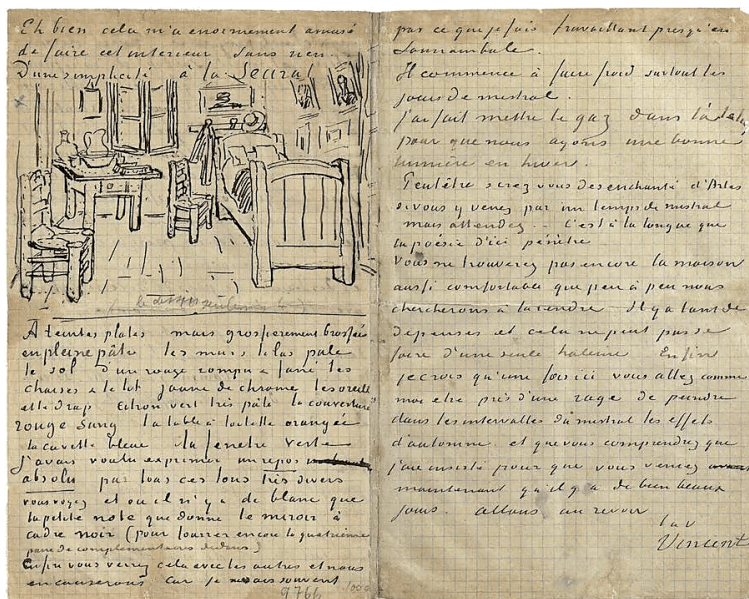
Em tons planos, mas grosseiramente escovados em pasta plena, as paredes lilases pálidas, o chão de um vermelho quebrado e desbotado, as cadeiras e a cama amarelos cromados, os travesseiros e o lençol verde limão muito pálido, o cobertor vermelho sangue, o toucador laranja, a bacia d'água azul, a janela verde. Queria expressar um *descanso absoluto* através de todos esses tons tão diversos que você vê, e onde não há branco exceto a pequena nota dada pelo espelho com moldura preta...”

Vincent, que tinha exasperada necessidade de expressar as suas ideias e sentimentos em palavras e redigiu mais de duas mil longas cartas (820 foram encontradas), era também um leitor incansável. Em 22-24 de junho de 1880, em carta da Bélgica a Theo, escreveu:

“...tenho uma paixão mais ou menos irresistível pelos livros e preciso me instruir continuamente, de estudar se você quiser, assim como preciso comer meu pão... estudei mais ou menos seriamente os livros ao meu alcance, como a *Bíblia* e a *Revolução Francesa* de Michelet e, no último inverno, Shakespeare e um pouco de Victor Hugo e Dickens e Breecher Stowe e ultimamente *Ésquilo* e muitos outros menos clássicos, vários grandes pequenos mestres... o amor aos livros é tão sagrado quanto a Rembrandt, e inclusive penso que os dois se completam... Meu Deus, como é belo Shakespeare, quem é misterioso como ele? Sua palavra e sua maneira de dizer equivalem a um pincel fremente de febre e emoção. Mas é preciso aprender a ler, como se deve aprender a ver e aprender a viver.”



Esboço a Theo (com quadro da mãe na cabeceira)



Desenho a Gauguin (com paisagem na cabeceira)

Nota: além do original de 1888, do esboço e do desenho, há mais dois quadros do *Quarto em Arles* pintados por van Gogh em 1889, a “repetição” e a “redução” (56,5 por 74 cm).

* **Samuel Kilsztajn** é professor titular em economia política da PUC-SP. Autor, entre outros livros, de *Partir c'est garder son équilibre* [<https://amzn.to/48lv9G9>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA